

UM PUNHADO DE TERRA
& OUTRAS PEÇAS

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas/Portugal.



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

CULTURA

**DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E
DAS BIBLIOTECAS**

*Um punhado de terra
& outras peças*

Pedro Eiras

Teatro



© Moinhos, 2019.
© Pedro Eiras, 2019.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Sérgio Ricardo

Nesta edição, respeitou-se o desejo do autor de manter a escrita como aí está.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E35p
Eiras, Pedro
Um punhado de terra & outras peças / Pedro Eiras. - Belo Horizonte, MG :
Moinhos, 2019.
194 p. ; 14cm x 21cm.
ISBN: 978-85-45557-82-1
1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.
2019-454

CDD 869.8992301
CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301
2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

7

EM VEZ DE UMA ARTE POÉTICA

11

UM PUNHADO DE TERRA

37

ELDORADO

43

A CASA

89

BELA DONA

99

PEDRO E INÊS

153

HYPOMNEMATA



em vez de uma arte poética

O deus que me deram já vinha com cancro.

Era um deus nitidamente de segunda categoria, não sei a que saldo o foram desencantar. Às vezes ponho-me a olhar para ele, mas ele desvia logo os olhos, deixa as cicatrizes à mostra. Pelos farrapos, vejo-lhe o pénis torcido, as tetas secas.

Às vezes, aparece-me como uma mulher negra cega, lésbica, marxista e pobre.

Outras, cobre-se de veludos e fala até ficar seco. E cansa-me terrivelmente, com aquela voz metálica que me obriga a dizer tudo o que não quero, para eu ser simpático e conforme com as regras. Desato também a falar e depois penso: vazio, vazio, tudo vazio, como me enredei nesta confusão?

Mas dou-lhe a mão e tenho paciência. Eu sei que está doente e que a doença já estava com ele antes de eu chegar. Falo o mais baixo possível para não sujar ainda mais o seu oxigénio.

Amo-o e odeio-o, talvez pergunteis por que o faço, não sei, etc., etc. Estendo-lhe as minhas mãos neo-proto-pós-românticas e recolho o pó. Os seus ossos a arderem nos meus dedos, mesmo se havia a promessa da carne no seu corpo.

Um dia ele pediu-me que estudasse medicina. Ainda tentei. Mas descobri que o mal era mais complexo do que ele supunha: quando decorei os compêndios, ele tinha metástases inauditas. Intervir não seria desprovido de sentido: mas a minha intervenção abriria novos caminhos à dor. Disse-lhe. O meu deus respondeu: então deixa vir a dor.

Às vezes irrita-me tanto com ele que quase deixo de respirar. Como pode ser tão estúpido e meter-se em situações de não-retorno? Não consegue ver um tiroteio sem se enfiar entre as balas, este candidato

a herói. Deito-o na banheira e passo a noite a limpar-lhe o sangue. Já lhe disse, um dia morres. Ele olhou para mim e não respondeu. Então tenho vontade de agarrar nele e bater-lhe até sentir dor.

Mas eu sei tão pouco. Canso-me tanto para saber tão pouco. Gostaria de escrever uma palavra verdadeira, mas encho páginas com veludo, a boca com veludo, mesmo pedir uma palavra verdadeira é outra forma sofisticada de forrar a minha boca com veludo.

Quem me bate à porta? É ele, cravejado.

Outras vezes, amo as suas águas turvas. Amo as suas provas irrefutáveis da existência de Deus seguidas de provas irrefutáveis da inexistência de Deus. Amo a sua língua de trapos ansiosa, o grito de vigília a meio da noite, no quarto ao lado, que me faz dizer: estás aí, posso dormir. Amo o seu pedido de socorro mascarado de leite. Amo o seu monólogo de quase viúva, de sibila involuntária. Amo o pânico de quem está preso numa teia e prefere morrer.

Um dia ele disse-me: já matei, já morri, já me vendi e dei por coisa de nada, agora estou cheio de culpa e sou feliz, porque finalmente posso ser salvo. E eu agarrei-o pelos cabelos, abanei-o, chorei e disse-lhe: maldito sejas! Por que te mataste e morreste, por que te vendeste e te deste, que estupidez é essa de salvação? Mas ele calava-se. Moralista insuportável, o meu deus.

Às vezes parece-se com Ulisses. Outras, com uma barata.

Ultimamente, o meu deus andava muito calado. Podia ser da doença, notei que tinha a voz mais rouca, a respiração difícil. Perguntei-lhe, mas ele disse que não era ele, era eu. Disse-me: tu é que não ouves. Comecei a desfazer-me em desculpas (verdadeiras): o trabalho, as bibliografias, as burocracias... Abanou a cabeça: não, não é isso. Irritei-me muito, mas não o pude convencer. Ele insistia: tu não ouves, e cada vez ouvirás menos.

Vinguei-me: se sou surdo, então seja surdo. Passei uma semana sem falar com ele, sem o procurar. Depois, outra semana. Depois outra. Quando fui vencido pelos remorsos e tentei telefonar-lhe, descobri que o meu telemóvel não tinha o número dele.

Nunca mais o vi.

Uma vez, há muito tempo, o meu deus estava no quarto ao lado. Espreitei pela fechadura. O buraco da fechadura era tão estreito que eu só conseguia ver com um olho, fechando o outro. Só com um olho, perde-se facilmente a perspectiva, não se compreende bem as distâncias, parece que se fica dentro daquilo que se está a ver. Quando a porta fechada me obrigou assim a ser ciclope, vi o meu deus a dançar do outro lado.

E ele era fulgurante.

Para mim, o teatro é o buraco da fechadura.

Tudo o mais é técnica, só técnica.



UM PUNHADO DE TERRA

Além do equador tudo é permitido.
provérbio português da época dos descobrimentos,
in Ana Barradas, Ministros da Noite

Personagem

O homem.

*Pântano. Todo o palco coberto por vinte centímetros de terra barrenta.
Vem, do horizonte à boca de cena, um homem negro. Os pés mergulham
na lama. Coxeia da perna direita.
O homem vem, devagar. Chega à boca de cena. E diz:*

Toma o meu corpo
senhor do fogo!
Vem e devasta
esta terra estrangeira!

Que eu era homem alto corria veloz
tinha força do leopardo leveza da gazela
era só um com as pedras e fontes
ouvia a leoa antes de atacar
e dormia sob as estrelas como a flor fechada das montanhas

Era um homem
dançava
meus pés batiam a terra quente
era um só com a terra quente ardia nos pés
fogo
fogo – o meu espírito a dançar sob o sol

Ó criador

ouve minha voz cortada da árvore
estende teus ouvidos de elefante velho
olhos de leopardo desperto!

Eu tinha a mais alta mulher
mais luzente sob o sol
Nadava nas flores de águas que passam
seus cabelos fogo sob o céu
Mulher tão negra era noite sob o sol
noite sob os olhos onde a flor branca treme ao vento

Ela vinha a mim como rainha ela
seus ombros montanhas negras de luz
mamas duras como penhascos
ancas cobertas só de vento

E vivíamos junto ao poço que meus filhos bebiam
três filhos pequenos com músculos de pássaro
cantavam na noite

Mais velho caçava
lançava azagaia dura Só via olho da gazela
Mais pequenos colhiam milho e o sol nas mãos
bebiam água na tigela fina
faziam barças de madeira a vogar no rio até não mais
criador do fogo
não mais voltar

Eu era homem alto
era teu filho dançava em ti
labareda subia a ti

era um só contigo e os céus que descem montanhas
bebia água do poço comia tua carne
fogo
tua carne
ó cheio de cólera
fogo

Um dia a barça de
meus filhos pequenos
barça que descia o rio foi esmagada por
barco maior que
montanhas
barco maior que montanhas veio de longe do mar

Um dia barco veio
brilhava como facas ao sol
Tão grande
era maravilha não se afogar nas águas
oh
se grande barco se afogara!
Era maravilha não o esmagar o oceano fero
que estala nossos batéis

Veio
enchia o céu como nuvem de trovões
Procurávamos ver o que seria
tal montanha de madeira nas águas
Nem nossos olhos que adivinhavam a leoa antes de atacar
percebiam o que era

E vimos
havia homens nas montanhas de madeira fomos logo
mui contentes

pensámos que lhes daríamos
nosso poço a ver
milho
a comer
talhas vidradas de manteiga fresca
pano de fino algodão
a vestir

Meus filhos ansiosos de subir à montanha de madeira
já pensavam nadar a ela
ninguém os tinha em sossego

Mas homens da grande nave desceram em batéis
vieram a nós
que fazíamos festa em recebê-los
Quando se aproximaram vimos Eram feios
tão feios
Traziam nas caras fúria selvagem
e gritos
e cabeças de metal sobre as cabeças do corpo
e pele de ferro sobre a pele do corpo

Feia era a cor da pele
cor de leite velho estragado
de planta comida pelo sol

E chegaram a nós Eles
poucos
nós muitos
Chegaram e saltaram ondas ao nosso encontro
e vinham a correr a nós
não percebíamos
e recuámos um passo

Correram apanharam-nos de surpresa
e nunca os tínhamos visto nunca lhes tínhamos feito mal

O primeiro que apanharam foi um dos nossos
que atirava a seta como vento
mas ora era de mãos nuas
alto como eu Tinha mulher seis filhos pequenos
Homens secos o agarraram Ele sacudiu mãos que o agarravam
mas homens secos
vendo ele resistia
lhe bateram na cabeça com um pau
ali o deixaram como morto

Começámos a correr a todos lados
país com crianças pequenas nos braços
velhos agarrados a velhos
mulheres ao lado de homens
mas homens secos nos cercavam

Agarravam primeiro homens crescidos fortes
E se encontravam velho
ali o matavam com espada de ferro
E gritavam alto no falar deles
– Portugal!
– São Jorge!
– Santiago!

E estas palavras
ó criador do fogo
ouvi-as muitas vezes depois desse dia

Tentávamos defender-nos
com azagaias
quem tinha azagaia
com arcos e fundas
quem ali os tivesse
com pau ou pedra que achássemos
mesmo com unhas e dentes
que sempre temos
a não ser quando nos partem
 Mas que são pedras e paus
que são unhas e dentes
se homens secos descem às praias
com espadas de ferro?
Nunca os tínhamos visto nunca lhes tínhamos feito mal

 Corri com meu filho mais pequeno nos braços
eu corria depressa
criador!

Olhei a praia
ondas do mar misturadas com sangue
espuma das ondas com feridas de sangue

 E homens secos levavam para batéis nossos homens
Não socorriam mulheres
velhos
morriam devagar na areia
e passavam por eles lhes batiam com pés nas bocas
– Portugal!
– São Jorge!
– Santiago!

Vi com meus olhos homens secos cortarem cabeça de rapaz
pegarem em cabeça do rapaz que tinha lutado
rirem alto urrarem dizeres em sua língua
atirando cabeça do rapaz
no chão
com os pés

Mulher defendeu-se tão feramente
não lhe conseguiam tocar
Mas encontraram filho pequeno levaram-no
mãe viu lhe levavam filho pequeno
baixou braços e cabeça
seguiu calada ao grande barco de madeira

Encontrei minha mulher Minha mulher disse
Foge
escondi nossos filhos sob a palha
corre depressa como chita
quando homens maus se forem
volta e encontra nossos filhos escondidos
Eu tinha filho pequeno nas mãos Eu disse
Foge comigo
mas ela empurrava gritava

Foge
Foge

Vi ela tinha perna desfeita em massa de sangue
e lembrei-me quando
minha mulher nadava entre flores das águas que passam
seus cabelos fogo sob o sol
Mulher tão negra

dançava e vinha a mim como rainha
Tinha perna desfeita em sangue
perna partida desfeita em sangue
Lembrei seus ombros montanhas negras de luz
ancas cobertas só de vento
perna partida desfeita em sangue

Levei filho mais pequeno nos braços
corri às montanhas
Mas
homens secos chegaram a nós
Ó criador tu vês tudo!

Agarrei
gritei
três homens me agarraram Outro agarrou meu filho
levantou meu filho no ar
atirou meu filho contra rocha
meu filho flor de sangue

Bateram-me
caí no chão
como homem morto
De coração desejei morrer
mas grande noite não caiu sobre mim

Homens levaram-me para a praia
Passámos as casas em fogo
Vi homem empurrar mulher velha para chamas
mulher entrou nas chamas desapareceu